

APALMEIRA

DO AREAL

POR

CARDOSO PIRES



ALMÔÇO

de homenagem aos colaboradores de «A Cidade dos Rapazes»

«A Cidade dos Rapazes» não tem desperdiçado uma única oportunidade de demonstrar que é um jornal para os jovens e feito por gente nova. Ao cabo de três meses de publicação, podemos assimilar o aparecimento de valores literários que, sem o nosso jornal, não seriam revelados com a oportunidade necessária e talvez, até, não tivessem, jâmais, um ensejo de serem conhecidos.

«A Cidade dos Rapazes» tem provado que é, de facto, um jornal de novos. Achamos assim, da melhor justiça, prestar homenagem àqueles rapazes e raparigas que nos têm oferecido a sua preciosa colaboração, que os nossos leitores tanto e tanto admiram, conforme numerosos testemunhos que temos presentes.

Desta maneira, o nosso jornal promove no dia 1 de Maio um almôço de homenagem àqueles dos nossos colaboradores que mais assiduamente nos têm acompanhado, com dedicação e entusiasmo, que são das principais condições do nosso êxito.

Todos aqueles que queiram associar-se a esta homenagem — leitores ou leitoras — pois todos devem ter iguais motivos de admiração pelos homenageados — podem, desde já, dirigir-nos os seus pedidos de inscrição.

No próximo número publicaremos os nomes daqueles que pretendemos homenagear e as inscrições até essa altura recebidas.

romper as vestes de musselina, estava morta...

O sol estava já a esconder-se por detrás da linha azulada do horizonte. Era a hora do beijo dos dois amantes extremos.

Quando Odierno olhou o céu já era noite, mas a Lua não queria romper aquele crivo negro donde caíam grossas batedas. O mar encapelara-se, as ondas erguiam-se urrando e lançando espirais de fumo e de espuma constantemente açoitadas do vento que uivava e que fazia oscilar o palmeiral numa dança diabólica. A noite tornara-se cada vez mais negra, mais misteriosa. De vez em quando as trevas e o vento ciclónico pareciam adensar-se mais e o ribombar do trovão impunha-se, ameaçador, a noite tenebrosa. Por toda a parte havia um desconcerto de sons, uma revolta de elementos; apenas quando o relâmpago alumia momentaneamente o palmeiral se distinguíam dois vultos muito unidos, imóveis pelo beijo da morte.

Mais trovões, mais relâmpagos, o vento que sopra inclemente. E a revolta dos dois amantes; a fúria da natureza indignada com toda a sinfonia de uma tempestade.

Do que se passou depois, não se sabe.

Nem o Tempo, o sábio mestre, imortalizou esta história que não vem narrada nos livros dos príncipes nem nas crônicas dos heróis, nem os anais dos povos versaram sobre tal assunto e nem o que se contou serviu de tema aos poetas nem apareceu escrito nos pergaminhos dos sábios.

Nunca mais se ouviu falar de Nastria, a bela, nem do Reino do Grande Senhor, que era tão velho e lendário como esta história. O Reino dos Sete Impérios desapareceu da Tradição como da História, e nada mais se soube acerca de Odierno, o rapaz mais auzaz e mais formoso do Reino do Grande Senhor, cuja espada tinha tanta fama que durante muito tempo esteve guardada como relíquia dos seus feitos heróicos.

ESTA história conta a vida de Odierno, o rapaz mais auzaz e mais formoso do Reino dos Sete Impérios, que possuía domínios tão vastos que se alastravam até as paragens onde as estrélas não eram as mesmas e onde o sol era menos doirado que ali, e cuja espada tinha tanta fama que durante muito tempo esteve guardada como relíquia dos seus feitos heróicos.

Era filho de um ministro do Imperador e ainda estava na adolescência — naquela idade em que a voz não está bem definida, em que o falso e o baixo se pretendem contrapor numa dissonância impressionante; tinha o peito largo, embora fosse alto como um cipreste, e era elegante como uma gazela real.

Apesar de só agora lhe começasse a despontar a barba nas faces musculadas e infantis, Odierno havia muito tempo que combatia, e de tal modo que o Grande Senhor Imperador do Reino lhe concedera mais honrarias e regalias do que a seu pai, o Erudito Dubis.

Nesse dia havia festejos de comemoração de uma vitória das tropas do Reino contra os «diabos do Ocidente».

A cidade estava vistosamente engrinaldada. A cada janela tochas acesas, em cada rua havia um arco de triunfo, as avenidas estavam juncadas de flores e de ramos de touro e no palácio ardía o «Fogo Sagrado», que se mantinha vivo desde que começaram as hostilidades.

O Grande Imperador tinha o palácio em festa, havia já três vezes que o sol se pusera, desde que conhecera a vitória do bravo Odierno.

Uma multidão compacta envolvia e penetrava nos jardins palacianos, e, desde os ministros às concubinas, todos aguardavam ansiosamente a chegada das tropas vencedoras.

Subito o rumor do povo cresceu mais e a onda humana agitou-se bruscamente.

Soaram as trompas, tocaram os clarins, agitaram-se chapéus plumados e ergueram-se braços. Mas por cima dessa multidão entusiasmada e delirante tremulava uma fila de estandartes multicores. Eram as tropas que chegavam.

O Grande Senhor, acompanhado de muitos ministros de grandes barbas brancas deslizando sobre as tunicas de seda, e de concubinas luxuosamente adornadas, veio presidir ao desfile das tropas.

A frente do cortejo, entre dois generais idôneos, destacava-se Odierno. Vinha montado num cavalo branco, hiante e com as ventas dilatadas; e naquelas duas figuras havia tanta eirmitia que, no conjunto, lembravam um centauro majestoso.

A tiracolo trazia uma fita de veludo negro donde pendia um cêsto em forma de funil aguçado, com as pontas das flechas luzidas a espreeitar por entre as rugas da túnica purpúrea com arabescos doirados.

Depois vinham muitos soldados; tantos que começara o desfile quando o sol estava a pino e já era noite e ainda as tropas continuavam a sua passagem diante do palácio em festa.

Embora os outros generais fossem mais experientes e mais

velhos, foi a Odierno que o Grande Senhor dispensou seus encontros e a quem os seus oficiais atribuíam a vitória, como fruto da sua perícia e do seu valor.

O banquete estava sendo servido num salão enorme; tão grande e tão alto que as colunas encimadas por capitéis gigantes eram maiores que aquelas árvores da floresta cujas raízes, salientes no chão, têm a altura de um homem.

No meio daquele salão tão nu e tão grande erguia-se uma mesa coberta por uma toalha da Fenícia quasi tão roxa como os vinhos capitosos e aromáticos que transbordavam das ânforas de ouro e que se alastravam por entre os carneiros assados e no meio dos frutos exóticos e das iguarias que se amontoavam ao desbarato.

Em volta daquela mesa tão comprida havia cadeiras de mármore cujos braços eram duas enormes cabeças de leão artisticamente esculpidas.

Junto de Odierno estava Nastria, filha do Imperador e Grande Senhor, a quem chamavam Herdeira do Reino e «Flor de Crisolito» pela sua extraordinária beleza.

Das paredes tão frias e tão imponentes como o resto do salão, erguiam-se grandes tochas de sândalo, que, apontadas para a policromia dos vitrais da abóbada, manchavam, com o seu fumo tão perfumado como o incenso e tão inebriante como as gnídias da floresta, os altos pilares alabandinos.

Tocados por mãos invisíveis os alaudes saltavam as suas notas dolentes cujo som quasi se desvanecia no meio daquela atmosfera perfumada pelos arômatos.

E, embora pareça estranho, foi desde aquela noite que Odierno se tornou infeliz e traçou a desdita dos vassallos do Grande Senhor.

Já em todo o Reino se conheciam os amores de Odierno e Nastria, e o povo vivia aquele idílio tão bem como os próprios amantes. O seu amor era proverbial, popular, porque, se Odierno era forte como um Minotauro, Nastria era bela como uma deusa, não obstante ser ainda mais nova que o seu amado.

Tinha o corpo muito branco, quasi tão alvo como as nuvens e os olhos, que eram da cor das águas placidas da baía, pareciam duas safiras caprichosamente embutidas naquele rosto pequenino, emoldurado por uns cabelos doirados como os raios do sol e ondulados como as águas do mar.

O seu amor era ingénio, platónico. E todas as tardes eles se encontravam debaixo das palmeiras curvadas para o areal sob o peso da folhagem, esquecidos de tudo, do mundo, olhando as calmas águas do mar que em ondas pequeninas, quasi a medo, lhes vinha beijar os pés.

E os dois abraçados — ele com o braço aconchegado a envolvê-la, e ela aconchegando-se-lhe, anichando-se junto do peito masculino do amante, a sentir-lhe o coração de herói — ficavam ali,

mudos, num êxtase icástico, durante tempos esquecidos, até que o céu se tingia de cores berrantes, o sol parecia uma fornalha a extinguir-se, e o alaranjado dos seus raios espelhados nas águas se escondia atrás da fita prateada do areal.

Era o momento em que o Sol ia dar lugar à Lua que já espreeitava, muito pálida, por entre as nuvens.

Como sempre, quando a sombra da palmeira se tornava desnecessária, Odierno envolvia Nastria num sorriso de felicidade e os seus lábios sensuais e voluntariosos aspiravam o perfume dos dela, que lembravam duas sangrentas pérolas corallinas.

Entre os prisioneiros de Odierno vinha um oficial ferido, acompanhado de sua esposa.

O oficial levou a sorte de todos os inimigos do Grande Senhor, e sua mulher, como era escultural e bela, cedo soube cativar a atenção do monarca; e foi tomada para concubina real.

De tais artimanhas usou que a sua palavra junto do soberano era quasi sagrada, e o Grande Senhor, que até ali ouvia atentamente a opinião dos seus conselheiros, deixou de lhes prestar atenção, influenciado pela nequicia daquela a que pomposamente chamavam Lártogra, a «Face de Alabastro».

De escrava passou a viver como uma Hetera e o povo começava já a murmurar contra os novos impostos que apareciam e que, segundo se dizia, tinham sido a sua primeira obra.

Os trabalhadores pararam os seus cânticos e o cavador ergueu a enxada contra os céus, desiludido.

Como belo que era Odierno, cedo começou a invejar daquele amor de adolescentes; e logo uma rivalidade muda, uma intriga na sombra começou a traçar aquela megera concubina.

Não obstante a sua beleza, Odierno não sentia qualquer simpatia por aquela serpente de Sodoma, que traiçoeiramente o queria enlaçar nas suas garras venenosas e que o feria com aquele olhar de demónio apaixonado.

Um dia Odierno, o forte, o herói, não pôde resistir as tentações demoníacas daquela que, por todos os meios, o queria cativar. E sem saber como, amesquinhado, num alheamento completo de si próprio, Odierno penetrou no salão em que se ia desenrolar o melodrama da sua desgraça; no mesmo salão em que se celebrara a sua glória.

Lá estavam as mesmas paredes, os tapetes persas e árabes cheios de volutas e de desenhos caprichosos colados aos mármore venenosos, as tochas apagadas, tudo o que ele sentira no delírio da celebridade.

Mas o salão estava envolvido de uma atmosfera de sonho e Odierno esqueceu-se de tudo, de si próprio, ao ver-se naquele ambiente inebriante.

Não ouvia, não sentia, não pensava; o corpo pedia-lhe lânguidamente repouso e era como que numa nuvem que ele via o desfile de servos e de escravos diante daquela impúdica tentadora.

Deixou-se perfumar e pela primeira vez sentiu a sensação da voluptua.

Tal como fizera a Lártogra aquele cortejo de escravos, esfregaram-lhe o corpo com óleo de cantáridas e de meimendros, deram-lhe fricções de castoreos, perfumaram-lhe a pele com óleo de narciso, meteram-lhe rosas e cravos do Oriente no cabelo, enfim! o ar tornou-se ainda mais pesado, mais embriagador. Depois vieram os vinhos espumosos e inebriantes que rapidamente actuaram com eficácia naquele corpo auzaz e casto de guerreiro. E Odierno não pôde resistir ao odor excitante do almiscar nem aquela sensação de abandono. E caiu num sono tão profundo como a escuridão das trevas.

Subitamente foi despertado daquela sonolência por uma voz sua conhecida. E através do fumo dos aloés e doutras madeiras perfumadas, um rosto se sobrepôs ao da tentadora Lártogra que ele sempre odiara: Nastria.

Os olhos dêles, os de um vencido que pede piedade, fixaram-se nos dela, que pela primeira vez sentira uma sensação de despeito, de ciúme. Então a princesa mal pôde conter os soluços e abandonou aquele medúseo salão.

E fugiu para a praia, para aquela árvore que conhecia tudo o que fora a felicidade na sua vida.

E a história não adianta muito mais sobre isto. Sabe-se, porém, que, logo que Odierno viu a fuga precipitada da sua amada, correu para a praia acompanhado do Grande Senhor e de muitos outros ministros.

Mas já era tarde. Aquela criança não soubera suportar tão grande dor, porque o seu amor, o amor dêles, era inocente.

E Nastria tomara um veneno mais forte que o óleo de loendro e mais poderoso que os da trigia.

E debaixo das palmeiras vergadas, com o tufo das folhas debuçado sobre o areal, depois de todos os terem deixado sós, Odierno falhou lhe apaixonadamente como se ela ainda o ouvisse, como se os seus olhos velados para sempre o vissem na sua angústia titânica. A sua voz era a de um vencido, não a de um herói. E entre soluços que lhe embargavam a voz, ele prometia-lhe a vida, prometia-lhe muito, prometia-lhe tudo, num desespero brutal. E ele, que nunca chorara trazia areia colada às faces pelas lágrimas de arrependimento do delito que não tinha cometido.

Mas Nastria, Herdeira do Reino e «Flor de Crisolito», com os lábios muito vermelhos e, por entre o orçado negro das pálpebras, duas lágrimas imóveis como gotas de orvalho cristalizadas, com os peitos ainda a despontar virados para o céu como a querer